

CONSIDERAÇÕES EPICTETIANAS SOBRE AMIZADE, OPINIÃO E DISCORDÂNCIA

Aldo Dinucci¹

RESUMO

Trataremos aqui da relação, em Epicteto, entre as noções de opinião (*dogma*) e amizade. O que são as opiniões em relação a nós? Como estabelecemos e findamos amizades tendo em vista as opiniões? Como devemos nos portar diante dos que têm opiniões distintas das nossas em questões cruciais? Eis questões sobre as quais Epicteto nos ajuda a refletir.

Palavras-chave: Opinião. Amizade. Desacordo.

ABSTRACT

We will survey the relation between the notions of opinion (*dogma*) and friendship. What are opinions for us? How do we establish and end friendships in view of opinions? How should we behave in front of those who have different opinions than ours on crucial issues? These are questions on which Epictetus helps us to reflect.

Keywords: Opinion. Friendship. Disagreement.

Opinião e amizade

Em Epicteto, o conceito de opinião (*dogma*)² abrange qualquer proposição à qual concedemos assentimento, ou seja, na qual em alguma medida acreditamos, uma crença, seja ela filosófica ou não, científica ou não. Por exemplo, em *Diatribes* 3.7.9.1, Epicteto se refere a Epicuro e suas opiniões (*dogmata*) e, em *Diatribes* 3.7.17.2, Epicteto alerta que apenas alguém que segue as opiniões do estoicismo poder ser propriamente chamado estoico³.

Uma das mais importantes distinções que Epicteto utiliza quanto ao conceito de opinião é entre opiniões boas (ou certas) e más (ou erradas), que

¹ Doutor em filosofia pela PUC/RJ e professor do DFL/UFS.

E-mail: aldodinucci@gmail.com. ORCID: [0000-0002-5854-4057](https://orcid.org/0000-0002-5854-4057).

² Traduzimos por ‘opinião’ o termo grego *dogma*, que, em Epicteto, se aplica a qualquer crença assentida pela razão, seja boa ou má, filosófica ou não. Para mais informações sobre este conceito, vejam meu artigo ‘Phantasia, phainomenon e dogma em Epicteto’.

³ Cf. *Diss.* 3.7.20, 3.7.22.1, 3.24.38.3, 4.1.170.1, 4.1.177.1.

estão em direta relação com as ações boas e más. De fato, em *Diatribes* 3.9.2.4, Epicteto observa: “se tens opiniões corretas, estarás bem; se elas são falsas, estarás mal”,⁴ já que “para todo ser humano a causa do agir é a opinião” (*Diatribes* 3.9.3.1). Isso porque opiniões boas ou corretas são guias adequados para a ação. Em *Diatribes* 2.19.10 ss., por exemplo, Epicteto afirma que nos beneficiamos com a leitura de um texto filosófico adquirindo dele boas opiniões que podem nos guiar. Isso explica por que, em *Diatribes* 3.10.1.1, Epicteto afirma que devemos ter à mão as opiniões adequadas para cada ocasião.

Além disso, opiniões boas conferem segurança, já que apenas as boas opiniões podem tornar um ser humano seguro e inexpugnável (*Diatribes* 4.5.26.2). Opiniões más ou erradas, por sua vez, são a causa da inquietude e da perturbação na mente humana. Como Epicteto observa em *Ench.* 5a:

As coisas [*ta pragmata*] não inquietam os homens, mas as opiniões [*dogmata*] sobre as coisas. Por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado [*ephaineto*] assim, mas é a opinião [*dogma*] a respeito da morte – de que ela é terrível – que é terrível! Então, quando se nos apresentarem entraves, ou nos inquietarmos, ou nos afligirmos, jamais consideremos outra coisa a causa, senão nós mesmos – isto é: as nossas próprias opiniões [*dogmata*].

O sentido da passagem é claro: o que perturba não é a coisa externa, mas a opinião asserida sobre a coisa externa (como sendo algo bom ou mal), já que uma opinião errada causa confusão, turbulência⁵. Em *Ench.* 16, Epicteto volta mais uma vez a essa questão:

Quando vires alguém aflito, chorando pela ausência do filho ou pela perda de suas coisas, toma cuidado para que a *phantasia* de que ele esteja envolto em males externos não te arrebate, mas tem prontamente à mão que não é o acontecimento [*to symbebekos*] que o oprime (pois este não oprime outro), mas sim a opinião *dogma* sobre <o acontecimento>.

Em *Ench.* 20, a mesma ideia é expressa se referindo às ofensas: “Lembra que não é insolente quem ofende ou agride, mas sim a opinião se-

⁴ Cf. *Diss.* 4.8.3.4.

⁵ A ideia segundo a qual as opiniões se relacionam diretamente à inquietude e à ansiedade é reafirmada diversas vezes (cf. *Diss.* 1.19.8.2, 1.25.29.1, 3.19.3.3, 3.22.61.4, 4.1.58.2). Epicteto também observa que o mais afortunado dos homens se torna o mais desafortunado se ele não tiver boas opiniões (cf. *Diss.* 4.10.36.4).

gundo a qual ele é insolente.”⁶ Esse capítulo é especialmente importante, já que é nele que Epicteto assevera a identidade entre opinião (*dogma*) e juízo (*hypolepsis*) dizendo: “Então, quando alguém te provocar, sabe que é o teu juízo (*hypolepsis*) que te provocou”.⁷ Em *Ench.* 1, Epicteto observa que o juízo está entre as coisas que estão sob nosso encargo, que podemos controlar. Como *hypolepsis* e *dogma* são sinônimos em Epicteto, a mesma coisa pode ser dita sobre a opinião (*dogma*).

As opiniões estão estreitamente ligadas à capacidade humana de escolha (*prohairesis*). Em *Diatribes* 1.29.3.2, Epicteto diz: “pois as opiniões sobre os materiais [as coisas externas], se estão certas, tornam a escolha boa: mas opiniões perversas e distorcidas tornam a escolha má”⁸. Em *Diatribes* 1.17.27.1, Epicteto nos diz que a escolha não pode ser constrangida por nada senão por si mesma – quer dizer: pela opinião que ela abraça.⁹ Assim, por exemplo, em *Diatribes* 4.5.17, Epicteto observa que podemos avaliar as opiniões de alguém verificando seu caráter: se é gentil, sociável, paciente e amoroso, suas opiniões são boas; se ocorre o oposto, são más. Finalmente, em *Diatribes* 1.12.26.4, Epicteto declara que a grandeza da razão (e consequentemente, de um ser humano) está relacionada às suas opiniões.

Já que para Epicteto a capacidade de escolha é o que realmente somos¹⁰, e é boa apenas quando abraça boas opiniões, a destruição do ser humano é a destruição das opiniões corretas (*Diatribes* 1.28.25.3). De fato, em *Diatribes* 4.7.14.4, Epicteto nos diz que nossas opiniões são as nossas únicas posses reais, que carregamos para onde quer que vamos, e que ninguém pode nos tirar.¹¹ Essa é a razão pela qual a obra do filósofo é, antes de tudo, inspecionar (*episkopeo*) e escrutinar (*exetazo*) opiniões¹².

⁶ Cf. *Diss.* 4.5.29.2.

⁷ Cf. *Diss.* 2.6.21.1, 2.9.14.2, 2.14.22.3, 3.16.9.2, 3.16.11.1, 3.16.13.2, 4.6.14.3, *Ench.* 1.1.2, 20.1.3, 31.1.2.

⁸ Cf. *Diss.* 1.29.15.2, 1.29.22.3, 3.24.38.3, 4.6.14.2, 4.6.24.2, 4.6.28.4). *Diss.* 2.16 concentra-se inteiramente em corrigir nossas opiniões por meio da distinção estoica entre coisas boas e más. Cf. *Diss.* 3.17.9.2, 3.26.34.2.

⁹ Cf. *Diss.* 1.29.12.1.

¹⁰ Cf. *Diss.* 3.1.40-43, 3.18.1-3, 4.5.12.

¹¹ Cf. *Diss.* 4.7.35.4.

¹² Cf. *Diss.* 1.11.38.4, 2.1.32.3, 2.21.15.3, 3.1.43.1, 3.2.13.1, 3.5.42, 3.9.6.6, 3.9.8.1, 4.1.112.3, 4.1.137, 4.11.8.2. Além disso, boas opiniões devem ser praticadas (Cf. *Diss.* 4.1.140.1, 4.6.14.2, *fragmento* 16).

Podemos compreender a extrema importância de opiniões e crenças no ser humano para Epicteto no sentido de que vemos o mundo através delas. Elas efetivamente constituem o mundo de cada um de nós. Se alguém, por exemplo, crer em um deus poderoso, vingativo e terrível, essa crença vai moldar toda a sua experiência do real. Se alguém crer que a relação com os demais deve ser pautada no oportunismo, e que os outros não são senão fonte de ganhos sociais e materiais, essas crenças permearão e definirão sua vivência da realidade e suas ações. Nesse sentido, nossas crenças são nossa única posse real: a capacidade de escolha individual é como uma tábula rasa antes do assentimento a essa ou aquela crença. Após o assentimento, a crença assentida passa a determinar a escolha, pois essa tende inevitavelmente a escolher aquilo a que assentiu e rejeitar aquilo que negou. Daí a extrema importância de reavaliar constantemente nossas crenças. E isso está ao nosso alcance, pois através do pensamento podemos efetivamente mudar nossas opiniões, constatando erro em várias delas e abandonando-as. Esse trabalho, entretanto, não é fácil, pois estimamos muito algumas crenças, sobretudo aquelas que definem nossa experiência da realidade, como crer em um Deus amoroso ou ser ateu. Essas crenças acabam mesmo por perfazer nossa realidade. Isso explica o desconforto que temos quando alguém põe em cheque essas crenças fundamentais: a existência de nosso modo de ver o mundo (e, efetivamente, a existência de nosso próprio mundo) é ameaçada.

Acrescente-se que, em *Diatribes* 3.24.56.1, Epicteto nos diz que “desejar coisas impossíveis é ter um caráter servil, e é algo tolo: é o papel de um estrangeiro, de um humano que luta contra Deus do único modo que pode, com suas opiniões”. Efetivamente, nossas opiniões acabam por determinar nossa felicidade ou infelicidade: desejar coisas impossíveis significa acreditar que sejam factíveis coisas que realmente não o são e projetar a felicidade para o momento da posse delas, o que equivale a condenar a si mesmo à infelicidade.

Em *Diatribes* 2.22.28.1, Epicteto observa que o comportamento antissocial nos humanos se deve às opiniões sobre o que são o bem e o mal. Epicteto termina o discurso dizendo que as opiniões más tornam os seres humanos incapazes de desfrutar a verdadeira amizade. Por exemplo, se você não crê na amizade, ao vê-la como algo acessório, secundário ou como uma

ilusão, você não a buscará, nem a cultivará se a encontrar, e ela literalmente desaparecerá de seu mundo. A razão disso é que crer na amizade significa em primeiro lugar acreditar que ela é algo bom e desejável e, conseqüentemente, buscá-la e cultivá-la.

Em *Diatribes* 3.9.12.3, Epicteto vai além e diz que as opiniões são a base dos relacionamentos verdadeiros entre seres humanos, já que apenas são amigos verdadeiros aqueles que conhecem mutuamente suas opiniões, mostrando-as um ao outro¹³. Muitos de nós tiveram uma comprovação disso ultimamente, pois tomamos ciência, através das disputas eleitorais, de que certas crenças sobre política (que são, em última análise, crenças sobre o que é justo ou não) nos são muito caras. Quando percebemos que alguém que tínhamos como amigo discorda dessas crenças que nos são fundamentais, abre-se instantaneamente um abismo entre os antes amigos. Literalmente descobrimos, nessas ocasiões, que vivemos em mundos diferentes e incompatíveis. Cessa o diálogo, pois este fluía com base em crenças que julgávamos comuns, mas que na verdade não o são. Estes versos de Vinicius falam sobre esse doloroso momento de cisão:

De repente, não mais que de repente
Fez-se de triste o que se fez amante
E de sozinho o que se fez contente
Fez-se do amigo próximo o distante
Fez-se da vida uma aventura errante
De repente, não mais que de repente¹⁴.

A separação nos é internamente conflituosa, pois, por um lado, o outro ameaça nosso modo de ver o mundo e agir nele, mas ao mesmo tempo mantemos laços afetivos com o outro que, de repente, vão sendo dilacerados. Isso explica por que evitamos discutir certas coisas com certas pessoas: por um lado, sabemos que não concordarão com nossas opiniões sobre esse ou aquele tema e, por outro, estimamos a relação a ponto de nos calarmos. Mas aí cabe a questão: ainda temos amizade quando o silêncio oculta divergências fundamentais? Ou estamos simplesmente disfarçando uma separação que já ocorreu ou mesmo uma desunião que já havia de fato por medo de reconhecer nossa solidão?

¹³ Cf. *Diss.* 3.2.12.2, 4.5.35.2, 4.13.15.2

¹⁴ Versos do Soneto de Separação, de Vinicius de Moraes.

O que fazer diante daquele que tem opiniões com as quais não concordamos?

Numa época como a nossa, na qual pessoas ligadas a diferentes e opostas vertentes políticas publicamente praticam violência e estão sendo efetivamente intolerantes, é bom nos lembrarmos das palavras e das ações dos estoicos, entre eles, Musônio Rufo, o Sócrates romano, que tentou, em 69 de nossa era, deter os soldados que marchavam sobre Roma, comandados por Marco Antônio Primus, general de Vespasiano, falando a eles sobre os benefícios da paz:

Musônio uniu-se às tropas, e, amplificando as bênçãos da paz e os perigos da guerra, começou a admoestar a multidão armada. Muitos o acharam ridículo; outros, cansativo; outros estavam prontos para atirá-lo ao chão e pisoteá-lo caso ele não tivesse ouvido os avisos dos mais comportados e as ameaças dos outros e cessado de exibir sua extemporânea sabedoria. (TÁCITO, *Histórias*, iii, 81)

De fato, ultimamente tenho ouvido muitas vezes raciocínios como o seguinte: ‘Fulano tem a seguinte opinião (sobre política, ética etc.), então Fulano não é humano’. Estará isso certo? Efetivamente, dar assentimento a uma opinião errada retira de alguma pessoa humana sua própria humanidade?

Em primeiro lugar, é bom lembrar que raciocínios como o visto acima podem ser lidos como um sofisma. ‘Desumano’ pode ser entendido em dois sentidos: ‘como algo não-humano’ (um cão, por exemplo) ou como um atributo de um ser humano que crê em valores que são, por assim dizer, ‘desumanos’, como valores de supremacia racial, sexistas *etc.*, que são ‘desumanos’ porque retiram o valor de parte da humanidade, não sendo, portanto, humanistas, já que quem os acalenta não assente à tese segundo a qual todos os humanos perfazem uma comunidade e uma irmandade.

Nesse sentido, obviamente, a pessoa que crê em valores desumanos (‘desumanistas’) se desumaniza. No entanto, e essa é a parte aparentemente difícil para muitos de nós, ainda assim continua sendo um ser humano como qualquer um ou uma de nós e, conseqüentemente, merecedor de tratamento humano e respeito.

Isso aparentemente é óbvio, mas infelizmente, para boa parte da humanidade, não é. Muitos massacres têm sido perpetrados em nome da tese

de que certos atos ou crenças ou origens desumanizam as pessoas no sentido literal. E isso serve de fundamento para que sejam assassinados do modo mais terrível possível. Para não invocar exemplos recentes, basta nos lembrar das mulheres acusadas de bruxaria, que eram queimadas vivas por ‘praticarem atos demoníacos’, dos judeus chacinados pelos nazistas, que não os consideravam humanos e, em suma, todos os milhões de pessoas perseguidas, segregadas, encarceradas e assassinadas por suas opiniões e crenças.

Mas, então, cabe perguntar: que atitude devemos ter em relação a uma pessoa que nos parece assentir a uma opinião desumana?

Refletirei aqui a partir do pensamento humanista do estoico Epicteto de Hierápolis. Para isso, vejamos o que para ele é uma opinião, e qual sua relação com o ser humano.

Para Epicteto, a própria causa do agir é a opinião (*Diatribes* 3.9.3.1). Opiniões boas ou corretas são guias adequados para a ação. Em *Diatribes* 2.19.10, por exemplo, Epicteto afirma que nos beneficiamos com a leitura de um texto filosófico adquirindo dele boas opiniões que possam nos guiar.

As opiniões estão, em Epicteto, estreitamente relacionadas à capacidade humana de escolha (*prohairesis*). Em *Diatribes* 1.29.3.2, Epicteto diz: ‘pois as opiniões sobre as coisas que escolhemos, se são corretas, tornam a escolha boa, mas opiniões perversas e distorcidas tornam a escolha má’. Em *Diatribes* 1.17.27.1, Epicteto nos diz que a capacidade de escolha não pode ser constrangida por nada senão por si mesma – quer dizer: pela opinião que ela abraça.¹⁵ De fato, é possível obrigar alguém a dizer que concorda com certa opinião, mas é impossível, mesmo através da pior tortura, obrigá-la a concordar interiormente com uma opinião. Pense em alguém sendo ameaçado a concordar que um triângulo tem dois lados apenas, ele pode concordar apenas externamente, já que é impossível mesmo conceber a coisa triangular de dois lados. Similarmente o mesmo vale para qualquer outra opinião: se achamos que A é B, só podemos realmente mudar de opinião se formos convencidos disso, nenhuma tortura ou ameaça pode genuinamente nos fazer mudar internamente de opinião.

¹⁵ Cf. *Diatribes* 1.29.12.1.

Por essa razão, para Epicteto, somos essencialmente capacidade de escolha (*prohairesis*),¹⁶ e essa capacidade de escolha é boa apenas quando abraça boas opiniões. De fato, em *Diatribes* 4.7.14.4, Epicteto nos diz que nossas opiniões são as nossas únicas posses reais, que carregamos para onde quer que vamos, e que ninguém pode nos tirar.¹⁷

Ora, se a capacidade de escolha é o que nos caracteriza enquanto pessoas humanas, e se a qualidade dessa capacidade de escolha é determinada pelas opiniões que ela abraça, e se, por fim, essa capacidade não pode ser determinada externamente (como as crianças sempre repetem: ‘ninguém manda na minha vontade’) pela violência ou outro meio de coação, restamos a via da persuasão. Sobre isso reflete Epicteto:

Qual é a razão de se dar assentimento a algo? Parecer que é o caso. Com efeito, não é possível dar assentimento ao que não parece ser o caso. Porque esta é a própria natureza do pensamento: inclinar-se para as coisas verdadeiras, estar descontente com as coisas falsas, suspender o juízo em relação às coisas incertas. [...] Quando, portanto, alguém dá assentimento ao que é falso, sabe tu que ele não desejou (Epicteto, *Diatribes* 1.28.1)

O texto de Epicteto parte da noção estoica de assentimento (*synkathesis*). O assentimento é o ato que a mente humana realiza ao admitir como verdadeira uma opinião. Por exemplo, alguém vestido de gorila tenta assustar um menino que passa pela rua. Se esse menino achar que é realmente um gorila e, conseqüentemente, tomar por verdadeira a aparência ou representação que tem diante de si, se assustará e fugirá. E fará isso por considerar que essa é a linha de ação a se tomar quando se tem diante de si um animal feroz. Porém, se o menino compreender que se trata de um homem como uma fantasia de gorila, não se assustará, mas rirá. Assim, a atitude do menino será determinada por sua opinião em relação àquilo que percebe diante de si e não o contrário. Dessa forma, ninguém errará ou agirá equivocadamente por querer, mas por considerar equivocadamente ser tal curso de ação o melhor. Epicteto aqui é absolutamente socrático, pois, para Sócrates, todos os

¹⁶ Cf. *Diatribes* 3.1.40-43, 3.18.1-3, 4.5.12.

¹⁷ Cf. *Diatribes* 4.7.35.4. Essa é a razão pela qual a obra do filósofo é, antes de tudo, inspecionar (*episkopeo*) e escrutinar (*exetazo*) *dogmata* (cf. *Diatribes* 1.11.38.4, 2.1.32.3, 2.21.15.3, 3.1.43.1, 3.2.13.1, 3.5.42, 3.9.6.6, 3.9.8.1, 4.1.112.3, 4.1.137, 4.11.8.2). Além disso, bons *dogmata* devem ser exercitados (ver *Diatribes*. 4.1.140.1, 4.6.14.2, *fragmento* 16).

humanos buscam a felicidade e, portanto, quando erram e se afastam dela, o fazem involuntariamente. Esse texto de Epicteto nos é mais precioso ainda porque a seguir ele toca num caso extremo, no de Medeia, que, segunda reza o mito, assassinou seus dois filhos para se vingar do marido que abandonara e traíra:

Como aquela que diz: ‘Agora entendo que estou a ponto de executar tais atos criminosos. É a cólera o que há de mais forte entre meus desejos?’¹⁸ ‘Por isso mesmo ela pensa que agradar à cólera e punir o homem é mais vantajoso que conservar os filhos são e salvos. ‘Sim, mas ela enganou-se por completo’. Mostra a ela, de modo claro, que se enganou por completo e ela não realizará o ato; <porém>, na medida em que não o demonstres, pelo que ela deixar-se-á conduzir senão pela aparência?’¹⁹ (9) [...] Por que, portanto, és hostil com ela? Porque a infeliz se enganou a respeito das melhores coisas e tornou-se de ser humano em víbora? (Epicteto, *Diatribes* 1.28.7-9)

Assim, Epicteto aplica a teoria estoica ao caso da personagem Medeia: seguindo os conceitos da Filosofia do Pórtico, Medeia teria agido em nome de emoções e opiniões enganosas: ela assassinara os próprios filhos por considerar que vingar-se do marido que a abandonara era a melhor coisa a ser feita. Epicteto, também através dessa mesma reflexão, conclui que não se deve odiá-la nem hostilizá-la em razão de seu ato: sua atitude não revela maldade, mas tão somente ignorância. Efetivamente, cada qual fará inexoravelmente o que lhe parecer ser o melhor. A questão é que isto que parece o melhor muitas vezes não o é realmente.

Resumindo essas reflexões, temos que, para Epicteto, um ato ou uma crença não é capaz de retirar em sentido literal a humanidade de um ser humano. A desumanização (o ‘tornar-se víbora’ de Medeia que se deu por assassinar seus próprios filhos por vingança) se dá no sentido moral, não real. O pior dos criminosos, por isso, ainda assim é, primariamente, um ser humano, e humanamente deve ser tratado. E a única via aberta que temos para tentar fazê-lo mudar de opinião e, por assim dizer, reformá-lo, é através da persuasão, do diálogo. Fora disso, se usamos a violência, o constrangimento e a brutalidade contra outro ser humano, nada faremos senão nos desumanizar e nos igualar a ele.

¹⁸ Fala de Medeia na Medeia de Eurípedes (versos 1078-79).

¹⁹ Isto é: Senão pelo que lhe parece ser a verdade.

Referências

EPICTETO. (2008). *Epictetus Discourses: book I*. Tradução Dobbin. Oxford: Clarendon.

EPICTETO. (2019). *Diatribes, livro I*. Tradução de Aldo Dinucci. Coimbra: Imprensa de Coimbra.

EPICTETO. (2014). *Encheiridion*. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. Coimbra: Imprensa de Coimbra.

EPICTETO. (2012). *O Encheiridion de Epicteto. Edição Bilingue*. Tradução Aldo Dinucci, Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS.

EPICTETO. (2008). *Testemunhos e Fragmentos*. Tradução Aldo Dinucci, Alfredo Julien. São Cristóvão: EdiUFS.

TÁCITO. (1937). *Annals*. Tradução John Jackson. Harvard: Loeb Classical Library.

VINICIUS DE MORAES. (2011). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Companhia das letras.